

GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades – GeoAmbES



ARTIGO

“DIÁRIO DE REPÓRTER”: REFLETINDO SOBRE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA COM ENFOQUE NA PERCEPÇÃO NOTICIOSA

*“Daily Notes of a Reporter”: Thinking over a pedagogic practice
with a focus on news perception*

*“Diario de Reportero”: Reflexionando sobre una práctica
pedagógica con enfoque en la percepción noticiosa*

Gibran Luis Lachowski

Mestre em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)\campus Cuiabá. Professor assistente do curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) campus Alto Araguaia.
E-mail: prof.gibranluis@gmail.com

Como citar este artigo:

LACHOWSKI, Gibran Luis. “Diário de repórter”: refletindo sobre uma prática pedagógica com enfoque na percepção noticiosa. **GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades – GeoAmbES**, jan./jun. vol. 1, n. 1, p. 173-189, 2019. ISSN 25959026.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/geoambes/index>

Volume 1, número 1 (2019)
ISSN 25959026

“DIÁRIO DE REPÓRTER”: REFLETINDO SOBRE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA COM ENFOQUE NA PERCEPÇÃO NOTICIOSA

“Daily Notes of a Reporter”: Thinking over a pedagogic practice with a focus on news perception

“Diario de Reportero”: Reflexionando sobre una práctica pedagógica con enfoque en la percepción noticiosa

Resumo

A reflexão sobre ensino-aprendizagem em Jornalismo é pouco presente na academia no Brasil, por ser um curso de bacharelado e não licenciatura. Porém, estudar esse aspecto pode contribuir com a formação profissional jornalística de modo geral e auxiliar na capacitação específica de docentes para atuar na área. Neste artigo, tal reflexão é feita a partir de uma atividade pedagógica chamada “Diário de repórter”, desenvolvida no curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)/campus Alto Araguaia. Essa ação integra um conjunto de estratégias propostas por mim desde 2012, que se baseiam num processo dialógico e buscam uma formação contextualizada e crítica, valendo-se de um arcabouço teórico correspondente em Jornalismo, Educação e Pedagogia.

Palavras-chave: Diário de repórter, atividade pedagógica, ensino-aprendizagem dialógico.

Abstract

Thinking over teaching and learning in Journalism is less apparent in the Brazilian academy because it is a bachelor's degree and not a licentiate degree. However, studying this aspect can contribute to professional journalistic training in general and help in the specific training of teachers to work in the area. In this article, this reflection is made from a pedagogical activity called "Daily Notes of a Reporter", developed in the Journalism course of the University of State of Mato Grosso (Unemat)/Alto Araguaia. This action integrates a set of strategies proposed by me since 2012, which are based on a dialogical process and searching of a contextual and critical formation, using a corresponding theoretical framework in Journalism, Education and Pedagogy.

Keywords: Daily Notes of a Reporter, pedagogical activity, dialogical teaching and learning.

Resumen

La reflexión sobre enseñanza-aprendizaje en Periodismo es poco presente en la academia en Brasil por ser un curso de bachillerato y no de licenciatura. Sin embargo, estudiar este aspecto puede contribuir con la formación profesional periodística de modo general y auxiliar en la capacitación específica de docentes para actuar en el área. En este artículo, tal reflexión se hace a partir de una actividad pedagógica llamada "Diario de reportero", desarrollada en el curso de Periodismo de la Universidad del Estado de Mato Grosso (Unemat)/campus Alto Araguaia. Esta acción integra un conjunto de estrategias propuestas por mí desde 2012, que se basan en un proceso dialógico y buscan una formación contextualizada y crítica, valiéndose de un marco teórico correspondiente en Periodismo, Educación y Pedagogía.

Palabras clave: Diario de reportero, actividad pedagógica, enseñanza-aprendizaje dialógico.

Introdução

Este artigo debruça-se sobre uma prática pedagógica aplicada no curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)/*campus* Alto Araguaia denominada “Diário de Repórter”, voltada à ampliação da percepção noticiosa de estudantes da disciplina de “Redação, Reportagem e Entrevista I”, do 3º semestre. A atividade foi uma estratégia utilizada para superar o equivocado entendimento dos universitários de que há reduzida quantidade de assuntos noticiáveis em cidades pequenas, como a sede da universidade e os municípios vizinhos de Alto Garças/MT, Alto Taquari/MT e Santa Rita do Araguaia/GO.

Valeu-se da Análise de Conteúdo e da Análise Qualitativa focada na Conversação para levantar elementos acerca do envolvimento dos acadêmicos com a prática pedagógica, realizada nos dois semestres de 2015. A partir da coleta dos lançamentos efetuados, percebeu-se diversificação de assuntos, inúmeros e variados locais visitados, além da mescla de tipos textuais, como descrições, denúncias, relatos humanizados, reflexões e críticas. Por meio das falas dos estudantes notou-se que o “Diário de Repórter” promoveu mudanças nas posturas dos mesmos, expressas pelo desenvolvimento de um olhar mais atento, crítico e sensível, contribuindo para a aproximação do ensino-aprendizagem em relação ao universo profissional e para a assimilação de conceitos e técnicas basilares do jornalismo.

Considerou-se, por fim, que a prática pedagógica tem atendido seu principal objetivo, qual seja, o de “afiar a percepção jornalística”, desmistificando a ideia de que a quantidade de notícias de um lugar depende prioritariamente de seus tamanhos geográfico e populacional. Apesar disso, observou-se em parte das turmas certas dificuldades de compreensão quanto a conteúdos elementares, como o conceito de notícia e a estruturação da redação jornalística. Para que a atividade tenha mais êxito, necessita-se de regularidade nos padrões metodológicos, sobretudo no que tange à escuta junto aos estudantes, com vistas a um apanhado geral da dinâmica.

O artigo em questão trata-se de uma reflexão acerca do desenvolvimento de uma prática pedagógica denominada “Diário de Repórter”, efetuada no curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)/*campus* Alto Araguaia, durante o ano de 2015, na disciplina “Redação, Reportagem e Entrevista I” (RRE I). A atividade foi programada com o intuito de estimular a percepção jornalística dos estudantes, limitada pelo estágio acadêmico em que se encontram, vez que a matéria integra o 3º semestre (dos oito ao

todo), mas principalmente em razão do difundido e equivocado pensamento de que cidades pequenas possuem reduzida quantia de assuntos noticiáveis.

Considerável parcela dos matriculados no curso de Jornalismo da Unemat mora em municípios de pequeno porte, como Alto Araguaia/MT (com 17.509 habitantes), Alto Garças/MT (11.229), Alto Taquari/MT (9.674) e Santa Rita do Araguaia/GO (7.916), conforme estimativas de 2015 do IBGEⁱ. A distância entre esses locais não supera os 65 km, sendo que a cidade goiana está dividida apenas por uma ponte, sobre o rio Araguaia. O curso também possui vários estudantes de outras cidades de Mato Grosso e de outros estados, que ecoam o pensamento já mencionado.

A ocorrência dessa distorção perceptiva foi notada pelo autor do texto desde 2012, quando do início das atividades como docente na instituição, ao ministrar disciplinas ligadas à apuração de informações e produção de textos jornalísticos, distribuídas nos eixos “Formação Profissional”, “Avaliação Processual” e “Prática Laboratorial”, segundo nomenclaturas e conceituações das novas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Jornalismo do Brasil, instituídas pelo Conselho Nacional de Educação em 2013ⁱⁱ.

Em decorrência dessa constatação, uma série de estratégias foi elaborada a fim de superar a problemática, parte delas retratada em artigo científico (LACHOWSKI, 2013), como a captação de panfletos pela cidade, observação de murais de repartições públicas e registros fotográficos. O conjunto de experiências foi sintetizado no “Diário de Repórter” no segundo semestre de 2014, inclusive valendo como avaliação de RRE I. Aproveitou-se o momento em que o curso iniciava a adoção de créditos à distância em 20% de sua matriz curricular, tendo a disciplina citada 15 das 60 horas nesta modalidade e sendo ela propícia para a realização do teste inicial, por tratar da captação de dados, redação de notícias e produção de entrevistasⁱⁱⁱ.

Resolveu-se manter a atividade em 2015 por perceber-se associação entre o cerne da proposta e a perspectiva pedagógica que vinha sendo implementada desde 2012, calcada em uma educação crítico-humanística e em um jornalismo caudatário desta tradição. Essa base filosófica compreende que o ato de educar está vinculado à realidade concreta, tem posições expostas de modo transparente e é orientado por princípios como justiça, democracia e cidadania. Pois, “não posso ser professor a favor simplesmente do Homem ou da Humanidade, frase de uma vaguidade demasiado contrastante com a concretude da prática

educativa. [...] Sou professor contra o desengano que me consome e me imobiliza” (FREIRE, 1996, p. 102-103).

No que compete ao jornalismo, vale-se de sua vertente humanística, que: concebe notícia prioritariamente como bem social, ainda que atravessada pelo processo mercadológico; existe enquanto profissão instituída, fundada em preceitos éticos regulados por código deontológico, formação humanística e normas técnicas (PEREIRA JUNIOR, 2006); tem o fito de produzir uma narrativa vinculada à realidade e pautada pelo interesse público (LAGE, 2005); busca fornecer à sociedade elementos para o exercício do senso crítico (DINES, 2009).

Diante desse arcabouço, estruturou-se o “Diário de Repórter” durante um período de cada semestre e o mesmo foi dividido em dois momentos: captação, redação e postagem de dados em uma plataforma digital (*Moodle* ou *Facebook*)^{iv}; e reflexão acerca do processo envolvendo toda a turma. Definiu-se como registro do diário assunto ou situação potencialmente noticiosa, subentendendo que notícia é uma informação de interesse público, veraz, atual, inédita, comprovável e escrita sob a fórmula da “pirâmide invertida” (a começar do fato mais importante) (ERBOLATO, 2004). Estabeleceu-se como lançamento um material composto de prova de sua ocorrência (fotografia, vídeo, áudio ou imagem escaneada) e um texto descritivo-analítico que conectasse a ocorrência ao fazer jornalístico.

A redação do material poderia se aproximar de uma pauta jornalística, que, segundo Fortes (2008, p. 79), “deve conter os rumos necessários para a consolidação da matéria proposta, de preferência, pelo repórter. Possíveis fontes de informação devem ser identificadas com o máximo de precisão, listadas e apresentadas dentro de um contexto jornalístico”. Ou ainda de uma pré-pauta, passo anterior à ideia planejada, caso em que falta garantia de veracidade quanto à informação levantada e/ou viabilidade para apurá-la. Cada registro seria comentado pelo professor na plataforma digital, assegurando acompanhamento das atividades.

Estruturou-se assim uma prática pedagógica orientada por metas, fins e conteúdos/conhecimentos associados ao contexto da prática social e supondo a relação teoria-prática (ideal-real), de caráter reflexivo e crítico, unindo as duas dimensões, em contraposição à repetitiva e acrítica, que separa uma da outra. (VEIGA 2008, p. 16-17).

Caminhos metodológicos

Para o tratamento inicial dos dados, com o intuito de apresentar um panorama do material postado pelos estudantes, recorreu-se à de Análise de Conteúdo, que averigua as informações levantadas durante a pesquisa e objetiva, expõe Bardin (1977, p. 13), “[...] observar a *posteriori* os aperfeiçoamentos materiais e as aplicações abusivas de uma prática que funciona há mais de meio século”. Ainda sobre a técnica, como dizem Bauer e Gaskell (2002), intenciona a constituição de parâmetros que possibilitem análise concernente ao repertório do pesquisador e a seu referencial teórico. No tratamento inicial houve subdivisão de cada registro, para otimizar a descrição, a partir dos quesitos Área, Assunto, Local, Forma de Captação e Estrutura do Texto.

Na interpretação de dados usou-se a Análise Qualitativa com enfoque na Conversação, tomando por base a roda de conversa feita em 2015/1, em sala de aula, para ouvir os acadêmicos sobre suas experiências com o “Diário de Repórter”, buscando saber se houve mudanças quanto à percepção jornalística e à postura acadêmica após a realização do exercício. Os diálogos totalizaram 1h32min e foram transcritos para melhor apreciação. Esse tipo de análise, segundo Marcushi (2000), intenta compreender as falas e explicar seus sentidos, conforme o contexto em que foram ditas e conteúdos envolvidos. Corroboram Alves e Silva (1992) sobre a sistematização das falas, expondo que a concatenação das ideias engloba a realidade tratada, os conceitos, a bibliografia, e vai “se repetindo e entrecruzando até que a análise atinja pontos de ‘desenho significativo de um quadro’”. Usou-se a Análise Qualitativa também para os textos dos *slides* expostos pelos estudantes no seminário de avaliação da atividade em 2015/2.

Descrição dos dados

A prática pedagógica do “Diário de repórter”, desenvolvida nos dois semestres de 2015 a partir da disciplina “Redação, Reportagem e Entrevista I”, envolveu 21 estudantes, que produziram 149 registros (média de 7,0 por acadêmico)¹. Foram 80 lançamentos em 2015/1,

¹ Descartou-se o envio de material por intermédio do e-mail em razão da dificuldade de recuperação do mesmo. O uso deste mecanismo de comunicação foi feito por alguns acadêmicos e correspondeu a 13 lançamentos.

efetuados por 12 alunos entre os meses de maio e junho – 22 na plataforma *Moodle* e 58 em um grupo secreto do *Facebook* –, perfazendo 6,6 por cada um. E 69 em 2015/2, feitos por nove acadêmicos em agosto e setembro – todos no *Moodle*, assinalando média de 7,6 por estudante.

O cerne do artigo é avançar em uma análise qualitativa quanto aos registros efetuados pelos estudantes, evidenciando como foi a relação deles com a prática pedagógica. Entretanto, antes, expõem-se de modo genérico os assuntos, locais, formas de captação e conteúdos referentes às postagens.

Os principais assuntos foram relativos às seguintes áreas: Trânsito, Cotidiano (questões ligadas ao dia a dia da cidade), Meio Ambiente, Educação, Saúde, Cultura, Economia e Esporte/Lazer. No que diz respeito ao Trânsito, entre os exemplos mais frequentes, o mal estado de conservação das ruas, acidentes automobilísticos e sinalização confusa. Em relação ao Cotidiano, destaque ao atraso ou abandono de obras públicas, lixo em vias urbanas e eventos promovidos pela administração municipal. No que tange ao Meio Ambiente, esgoto a céu aberto, assoreamento do rio Araguaia e queimadas urbanas.

No que concerne à Educação, divulgação de eventos acadêmicos, de cursos e projetos de extensão e mobilização em defesa de direitos. Quanto à Saúde, situações que colocam população em risco de contrair doenças. Sobre Cultura, referência à festa tradicional, patrimônio histórico e perfis de moradores. Entre os destaques de Economia, fechamento de empresa, alternativa à crise econômica e funcionamento de feira municipal. E no que diz respeito a Esporte/Lazer, atenção ao envolvimento da população com competições locais. Ainda houve observações quanto a Comunicação, Turismo, Transporte, Política e Ação Social.

Os lançamentos efetuados pelos acadêmicos no “Diário de Repórter” ocorreram prioritariamente nas cidades onde vivem, trabalham ou estudam (Alto Araguaia/MT, Alto Garças/MT, Alto Taquari/MT e Santa Rita do Araguaia/GO). Mas também ocorreram registros referentes a municípios visitados por conta da participação de eventos acadêmicos (Campo Grande/MS, Rio de Janeiro/RJ e Gramado/RS) e de mobilização social (Cuiabá). Mais especificamente, as observações se deram em: ruas, calçadas e rodovias, unidades de saúde pública, obras públicas, instituições filantrópicas, estruturas esportivas, locais de lazer e de eventos festivos, terrenos baldios, pontos comerciais, praças, rios e lagos, rodoviárias, corredores e salas de aula da Unemat e arredores da universidade. Além de praia, metrô,

banco, ferro velho, estacionamento de mercado, feira municipal, entre outros. Os deslocamentos para a captação dos registros foram feitos, em sua maioria, a pé, contudo também com o uso de bicicleta e carro.

Os lançamentos se deram principalmente a partir de fotografias (incluindo a reprodução de cartazes) e de pequena parcela de vídeos. Com esses mecanismos de captação, os estudantes buscaram expressar as situações expostas por meio de simples registros, sequências mais elaboradas ou flagrantes. Não se registrou captação unicamente de áudio.

A Estrutura do Texto trouxe uma série de elementos passíveis de menção. Um deles foi a composição formal dos lançamentos, prioritariamente caracterizada pela exposição de uma situação seguida de complementação analítica (crítica, opinião, reflexão ou sugestão) e, sobremaneira a partir de 2015/2, em razão de orientação docente, a inserção de enfoque jornalístico e rol de fontes de informação. Houve registros apenas descritivos, mas em minoria. Também em quantia minoritária notou-se dificuldade em precisar o enfoque.

Outro elemento destacável foram as origens das observações, que variaram de situações às quais os estudantes estavam diretamente ligados (dificuldades enfrentadas diariamente por um acadêmico e seus colegas durante trajeto de ônibus entre Alto Taquari e Alto Araguaia pela MT-100, em péssimo estado de conservação) aos casos em que possuíam evidente distanciamento (divulgação de evento religioso com 91 horas de jejum como forma de enfrentar o mal).

A Estrutura do Texto também indicou o tom dos relatos, com maior incidência para denúncias, acrescidas de cobranças ao poder público, a exemplo da menção em que moradores do bairro Mangueira, em Alto Garças, reclamam da poeira e da sujeira nas ruas, sem ação concreta da prefeitura. Em menor quantia, chamados à conscientização, como o lançamento relativo aos torcedores de futebol amador em Alto Taquari que deixaram lixo espalhado nas arquibancadas após o jogo, apesar da disponibilização de lixeiras. Ainda, a humanização na abordagem, tal qual no registro sobre um catador de materiais recicláveis em Alto Araguaia, que se considera “maquiador de ruas”, falou sobre sua história, família e rendimento. E, por fim, alguns elogios à administração municipal (incentivos ao esporte e lazer por parte das prefeituras de Alto Garças e Alto Taquari).

Esse quesito indicou, ainda, o rol de fontes a ser ouvido, caso o registro se transformasse em uma pauta jornalística, assinalando na maior parte das vezes uma composição que contemplasse as oficiais e não oficiais. Em alguns lançamentos, valorizou-se

um polo socioculturalmente marginalizado, como naquele em que se sublinhou o trabalho de funcionárias de uma empresa terceirizada pela universidade, dedicadas à limpeza de salas e corredores para a realização de um evento do curso de Letras.

Análise dos dados

A seleção dos dizeres dos estudantes (da roda de conversa e dos textos dos *slides* do seminário) buscou expressar a relação dos mesmos com a prática pedagógica. Isso se demonstrou, em suma, na percepção de mudanças quanto à forma de observar a realidade, na capacidade de compreender melhor o conteúdo da disciplina e nas dificuldades enfrentadas para a realização do exercício. A fim de não expor indevidamente os participantes do “Diário de Repórter”, definiu-se referir-se a eles pela letra “E” (Estudante) seguida de um número, podendo sê-lo de 1 a 21, em razão da quantia de universitários envolvida na dinâmica. As falas foram reproduzidas respeitando as normas gramaticais, mas mantendo o tom coloquial.

Alguns estudantes sentiram mudanças significativas no decorrer do exercício, registradas em suas estruturas internas, perceptivas, e no comportamento externo, expresso pela alteração no roteiro de deslocamento físico, possibilitando a descoberta de novos fatos e sensações. É o que ocorreu com E7, por exemplo, que se mostrou impressionada ao se comportar de forma diferente:

A princípio, eu não curti, porque eu não sou muito proativa. Eu não curto muito sair, ficar investigando, ficar olhando, pesquisando as coisas. [...] Mas depois que eu comecei, eu percebi que era importante [...] Então, quando você toma um caminho diferente, você vê coisas diferentes, você fica impressionado.

Ou seja, a prática pedagógica estimulou os acadêmicos a saírem em busca de locais diversos daqueles a que estavam acostumados, tirando-os de uma condição passiva. Isso significa que eles sentiram necessidade de procurar algo considerado merecedor de registro no “Diário de Repórter”, possibilitando a construção de pré-pautas, pautas e, posteriormente, notícias. Essa postura ativa pode ser vista no depoimento de E10: “Sabe quando você fica andando só naquela rua e não tem nada? Aí eu fui mudando, porque não tava acontecendo mais nada ali. [...] Eu pegava a bicicleta e ia procurando na cidade, no meu bairro. Às vezes,

quando não achava no meu bairro, eu ia lá pro centro”. E confirmada na fala de E11: “Todo dia eu buscava rotas diferentes, caminhos diferentes, pra buscar alguma coisa diferente”.

O estímulo a essa postura se dá por meio de uma perspectiva de atividade pedagógica baseada em um amplo conceito de aula universitária, que ultrapasse o espaço tradicional da sala de aula, coloque o acadêmico em situações reais, próximas de seu universo de atuação, e pressuponha uma mediação docente dialógica, propiciando uma complexa construção coletiva do conhecimento, assinala Masetto (2001, p. 1):

Este conceito de aula universitária faz com que ela transcenda seu espaço corriqueiro de acontecer: só na universidade. Onde quer que possa haver uma aprendizagem significativa buscando atingir intencionalmente objetivos definidos aí encontramos uma ‘aula universitária’. [...] Trata-se de situações reais que são complexas, exigem integração de teoria e prática, são cheias de imprevistos, exigem inter-relação de disciplinas e especialidades, desenvolvimento de competências e habilidades profissionais, bem como atitudes de ética, política e cidadania.

A construção da postura ativa relaciona-se com o perfil jornalístico defendido por Kotscho (1986), calcado na proatividade e no exercício do repórter de manter-se informado a respeito de assuntos da atualidade, independentemente da oferta de pautas de seu superior imediato, o editor. Conecta-se, ainda, com a disposição necessária para exercer um jornalismo de modelo etnográfico, que efetue um “mapeamento preliminar de temas, fatos e situações, evitando uma excessiva rotinização da cobertura em eventos e fontes previsíveis” (FRANCISCATO, 2006, p. 10).

Tal modelo pode ser executado somente a partir do contato direto com pessoas e situações noticiosas, “na rua”, como se diz no jargão jornalístico, algo que desde o advento da *internet* ergue um debate entre apuração tradicional, *in locu*, via entrevistas, observações e conferências documentais, e busca virtual, em *sites*, *blogs*, redes sociais e bancos de dados. Nesse sentido, o “Diário de Repórter” reforça o método convencional e, ao mesmo tempo, evidencia as tensões com a investida digital, nuança notada por E14, para quem a prática pedagógica “Materializou o antagonismo jornalismo em pé X jornalismo sentado”. O “jornalismo em pé” corresponde ao trabalho em campo e funciona como oposição à nomenclatura dada por Pereira (2003) em referência ao profissional que produz notícias unicamente a partir da sala de redação.

Essa incursão, pelo extenso conjunto de lugares visitados, fez com que os estudantes modificassem a forma de enxergar a realidade. Deu a eles maior atenção a locais, pessoas e

situações, fez com que percebessem neles múltiplos significados e, num sentido mais específico, proporcionou-lhes capacidade de angulação potencialmente noticiosa. Por conta disso, a palavra “olhar” (e termos similares) foi uma das mais mencionadas pelos acadêmicos ao se referirem à prática pedagógica, como nos seguintes casos: “A experiência trouxe um novo olhar, um observação mais minuciosa dos detalhes” (E14), “Ajuda a ter um olhar amplo sobre as coisas” (E21), “Força o olhar sobre o que estamos vendo” (E16) e “Aguça o olhar jornalístico” (E17).

O depoimento de E9 destrincha um dos aspectos dessa nova forma de olhar, qual seja, a atenção ao que está próximo: “A maioria dos meus registros eu encontrei no percurso que eu faço pra casa, pro meu serviço. [...] as coisas que passam perto e passam despercebidas, que são coisas simples, mas que se você observar melhor, elas chamam mais a atenção da gente”. E a fala de E1, de que também aprendeu a “saber explicar o porquê daquela percepção, o porquê daquele olhar”, complementa o entendimento de que o exercício tem um caráter reflexivo, pois burila o senso crítico.

No âmbito do ensino-aprendizagem, destaca-se que o apego à realidade concreta, à sua reflexão e intento de transformação, auxilia os acadêmicos a passarem da “curiosidade ingênua” para a “curiosidade epistemológica”, da mera observação ao olhar contextualizado e problematizado. Afinal, “ensinar não se esgota no ‘tratamento’ do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível” (FREIRE, 2005, p. 26).

No âmbito jornalístico, o desenvolvimento da prática pedagógica contribui para que os universitários assimilem conceitos jornalísticos basilares no intuito de orientarem seus olhares a partir de uma percepção jornalística. Esse processo reforça a entronização do sentido aplicado de notícia e noticiabilidade, esta última compreendida como:

[...] todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo da produção da notícia, desde características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, qualidade do material (imagem e texto), relação com as fontes e com o público, fatores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais. (SILVA, p. 96, 2005)

Alguns desses fatores foram mencionados por E6 ao descrever a dificuldade enfrentada ao tentar deprender os elementos noticiosos dentro da massa de informações cotidianas com as quais tinha contato.

Na teoria me parece ser simples, mas pra mim foi difícil porque eu não conseguia ver nada de diferente no dia a dia [...] Não fugir do normal no sentido de ser extraordinário, assim, anormal, mas de me chamar a atenção. [...] Mas é interessante porque você percebe que existem diferenças em pequenos detalhes. Então, são pequenas coisas que podem fazer pensar e que se eu não estivesse nessa atividade eu olharia e... tipo... seria comum e nada de mais. (E6, 2015)

O acadêmico referiu-se ao “anormal” como uma característica presente em uma informação noticiosa que a faça diferente de uma informação particular, meramente ilustrativa. E, também, àquilo que pode ser qualificado de critério de noticiabilidade, que remete ao conjunto de atributos da notícia, estando entre os mais conhecidos a proeminência, a raridade, o conflito, o impacto, a proximidade, a utilidade pública e a repercussão.

Nesse processo de aquisição de percepção jornalística, outro aspecto ficou ressaltado nos depoimentos, a saber, o interesse público, expresso pela passagem de uma consciência individual da realidade para uma consciência com vistas ao coletivo, calcada em visão mais ampla e responsabilidade social. A fala de E2 é um bom exemplo disso: “Se alguma coisa estivesse me incomodando eu ia atrás, eu reparava, mas se não, pra mim era normal, não era problema meu... Então, deixa pra lá. Hoje não é mais assim, porque eu aprendi a observar”. Tal depoimento coaduna com outras manifestações, como a de que há “Pautas por todos os lados” (E17), a de que o exercício serve para “Registrar aquilo que está errado” (E19) e que “Torna mais crítica a percepção, não somente para julgar negativamente, mas para entender o que daria uma matéria” (E16). Essas ponderações se associam ao objetivo maior do jornalismo, qual seja, “Fornecer aos cidadãos as informações de que necessitam para serem livres e se autogovernar”, vez que “A imprensa funciona como um guardião, tira as pessoas da letargia e oferece uma voz aos esquecidos” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 31).

A prática pedagógica contribuiu para a percepção da responsabilidade em apresentar um relato equilibrado dos fatos (“A gente tem que olhar os dois lados da moeda. E assim, eu só via um lado” – E10), relacionando-se com o artigo 12, inciso I, do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (FENAJ, 2007, p. 3), no que tange a “ouvir sempre, antes da divulgação dos fatos, o maior número de pessoas e instituições envolvidas em uma cobertura

jornalística, principalmente aquelas que são objeto de acusações não suficientemente demonstradas ou verificadas”.

Ainda, o exercício auxiliou no “Desenvolvimento de texto e no incentivo à leitura” (E17) e mexeu com a autoestima do aluno (“Eu me senti o repórter” – E5), configurando-se como “extremamente válido para a aprendizagem no jornalismo” (E16) e como “Um passo na escolha da área de atuação” (E14). Consequências do aprendizado foram assimiladas e incorporadas na conduta acadêmica, adquirindo perenidade, conforme os seguintes relatos: “Agora, a todo o momento que a gente vê alguma coisa, sempre tem algo pra ser aproveitado. Todo dia é de bastante aprendizado” (E8); “Depois que terminou eu vi mais três coisas, e pensei ‘Poderia ter visto isso antes’. Hoje eu fui lá no bairro São Francisco [em Alto Araguaia], lá tinha uns negócios que dava pra registrar” (E3).

Em contrapartida, os estudantes apontaram dificuldades no desenvolvimento da prática pedagógica. Isso ocorreu com alguns acadêmicos em relação à noção de percepção noticiosa (“Eu não tinha visão de notícia, se podia virar notícia ou não. Queria fazer meus registros, com meu olhar, minha visão, do que eu tinha” – E5) e quanto à hierarquização informativa e à distribuição dos dados coletados (“Às vezes eu via o registro e pensava ‘Isso vai ser fácil’, mas na hora de escrever não sabia o que falar, quais informações eram importantes colocar ali” – E2).

Ao evidenciar a capacidade de apropriação de conceitos e técnicas e de acusar dificuldades no aprendizado, os estudantes deram elementos ao professor para que o mesmo refletisse sobre o direcionamento da disciplina, estabelecendo uma relação dialógica entre o exercício proposto e o conteúdo programático. Afinal, de acordo com Fernandes (1998, p. 98), a prática pedagógica não está “reduzida à questão didática ou às metodologias de estudar, mas articulada à educação como prática social e ao conhecimento como produção histórica, datada e situada, numa relação dialética entre prática-teoria, conteúdo-forma”, o que subentende um movimento de contínua retroalimentação, característico do processo de ensino-aprendizagem.

Considerações

Considera-se que a prática pedagógica do “Diário de Repórter” tem atendido seu objetivo maior, que é o de “afiar o olhar” do estudante de Jornalismo matriculado na disciplina “Redação, Reportagem e Entrevista I”, integrante do 3º semestre do curso, a partir do apegamento ao ambiente local, da apropriação de conceitos e técnicas basilares da profissão e da passagem da “curiosidade ingênua” à complexa, desmistificando, assim, a ideia de que em cidades pequenas há carência de assuntos noticiáveis.

Compreende-se que, desse modo, contribui-se para a formação profissional de acadêmicos orientados por uma práxis sustentada prioritariamente no contato direto com pessoas e situações passíveis de difusão por seu interesse público. Resgata-se a importância do trabalho de campo, atribuindo maior consistência e conhecimento de causa quanto ao material apurado, o que se viu pela diversidade de lugares visitados e de assuntos abordados. E equilibra-se a discussão acerca do jornalismo na era da convergência digital, que deve apropriar-se das tecnologias ofertadas, mas garantir o cumprimento de princípios e o caráter humanístico da profissão, garantido pela proximidade da realidade concreta por meio de denúncias com a devida comprovação e seguida de contraparte, promoção de debates e difusão de vozes marginalizadas.

Depreendem-se algumas limitações da estruturação do “Diário de Repórter”, sobremaneira ao que tange à permanência da dificuldade de parcela dos estudantes em definir com precisão os enfoques dos registros, mesmo após constantes observações a partir dos comentários docentes. Essa situação foi percebida em 2015/2, quando, com vistas a aproximar os lançamentos do formato de pautas jornalísticas, exigiu-se o apontamento dos enfoques, assim como de fontes de informação a serem ouvidas. Ainda que esse tipo de ocorrência tenha sido diminuto em comparação à quantia total de lançamentos, em razão de sua importância na compreensão da percepção noticiosa faz-se necessário repensar o retorno pedagógico ao acadêmico. Enxerga-se, *a priori*, que uma boa estratégia de superação seria estender a situação para dentro da sala de aula, mesclando exposição conceitual e execução de exercícios.

Outra limitação notada no decorrer do “Diário de Repórter” relacionou-se às correções gramaticais, que, apesar de assinaladas por diversas vezes nos comentários, também não surtiram efeito consistente nos registros posteriores dos estudantes. Ações específicas, como

cursos ou aulas de reforço, ou estratégias globais, que envolvessem todo o curso, poderiam ser mais eficientes quanto a essa questão. Ressalta-se, no entanto, que, apesar de fundamental na vida acadêmica, os aspectos gramaticais são secundários na prática pedagógica em questão.

Considera-se, por fim, necessário garantir uma estabilidade metodológica quanto ao meio de avaliação relativo à participação dos estudantes na prática pedagógica, vez que o período analisado para este artigo envolveu num semestre uma roda de conversa com os universitários, cujo conteúdo foi transcrito, e no outro um seminário, do qual se extraiu os *slides* das apresentações, gerando diferenças no que concerne ao volume e à profundidade dos dados levantados. O primeiro mecanismo foi o melhor, posto que conseguiu captar de forma detalhada as experiências e ponderações dos estudantes, e, portanto, tende a ser repetido nos próximos semestres. Essa decisão corrobora com o intuito de desenvolver novas pesquisas acerca do “Diário de Repórter”, vez que se compreende sua validade na formação da percepção jornalística dos acadêmicos e que se percebe uma vasta gama de angulações possíveis, como as referentes à diversidade temática dos registros, à composição do rol de fontes e ao espaço dado às vozes marginalizadas.

Referências

ALVES, Zélia Maria Mendes Biasoli; SILVA, Maria Helena G. F. Dias da. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. **Paidéia**, USP, Ribeirão Preto, 2, , p 61-69. fev/jul. 1992. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/paideia/article/viewFile/46422/50178>>. Acesso em: 28 mai. 2018.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70. 1977.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

DINES, Alberto. **O papel do jornal: uma releitura**. São Paulo: Summus, 2009.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Código Nacional de Ética dos Jornalistas Brasileiros**.: Imprensa-2007. 4. ed. Brasília: Departamento de Mobilização e Assessoria, 2007. Disponível em: <http://www.fenaj.org.br/mobicom/manual_de_assessoria_de_imprensa.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2018.

FORTES, Leandro. **Os segredos da redação** – o que os jornalistas só descobrem no dia a dia. São Paulo: Contexto, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia** – Saberes necessários à prática educativa. 31. Ed. São Paulo: Paz Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 1986.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo** – O que os jornalistas devem saber e o público exigir. 2. ed. São Paulo: Geração, 2004.

ERBOLATO, Mario. **Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2004.

FERNANDES, Cleoni. Formação do professor universitário: tarefa de quem? In: MASETTO, Marcos Tarcísio. (Org.). **Docência na universidade**. Campinas: Papyrus, 1998.

FRANCISCATO, C.E. 2006. Jornalismo, ciência e senso comum: contribuições do método científico para a reportagem jornalística. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS

PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 15, 2006, Bauru. **Anais eletrônicos...** Bauru: Compós, 2006. p. 1-15.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

LACHOWSKI, Gibran Luis. Concepção social e olhar local como base para uma formação jornalística e caráter humanístico e cidadão. **Revista Estudos em Comunicação**, Beira Interior, v. 1, n. 13, p. 309-344, jun. 2013. Disponível em: <<http://www.ec.ubi.pt/ec/13/pdf/EC13-2013Junho-12.pdf>>. Acesso em: 28 mai. 2018.

MARCUSHI, . **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 2000.

MASETTO, Marcos Tarcísio. Atividades pedagógicas no cotidiano da sala de aula universitária: reflexões e sugestões práticas. In: Castanho, Sérgio e Castanho, Maria Eugênia. **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. São Paulo: Papyrus, 2001.

PEREIRA, Fábio Henrique. **O jornalista on-line: um novo status profissional? Uma análise sobre a produção da notícia na internet a partir da aplicação do conceito de ‘jornalista sentado’**. Brasília: UnB, 2003. (Dissertação de mestrado)

PEREIRA JUNIOR., LUIZ COSTA. **Guia para edição jornalística**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e mídia**. v. 2, n. 1 – jan/jun. 2005. Disponível em:

<<http://200.144.189.42/ojs/index.php/estudos/article/viewFile/5931/5402>>. Acesso em: 27 mai. 2018.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A prática pedagógica do professor de didática**. Campinas: Papirus, 2008.

Recebido em: **19/03/2017**

Aprovado em: **17/11/2018**

Publicado em: **01/01/2019**

i Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2015/estimativa_2015_TCU_20160211.pdf>. Acesso em: 02 mai. 2018.

ii Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 28 mai. 2018.

iii Disponível em: <http://www.aia.unemat.br/wp-content/uploads/ementa_disciplinas_cos_jor.pdf>. Acesso em: 28 mai. 2018

iv Em 2015/1 as postagens ocorreram na plataforma *Moodle*, ofertada pela Unemat, e em um grupo do *Facebook*. A segunda opção foi criada por causa de problemas técnicos na inicial. Em 2015/2 os lançamentos ocorreram, no geral, no *Moodle*. Algumas postagens, ainda, foram enviadas por *e-mail*.

Gibran Luis Lachowski

189